

AS BARREIRAS NA COMUNICAÇÃO DE SURDOS COM OUVINTES: uma reflexão sobre os papéis de cada indivíduo

THE BARRIERS IN THE DEAF COMMUNICATION WITH HEARTS: A reflection on the roles of each individual

Andre Luis A. de Souza
Evelyn Bernadino Mello

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão acerca das barreiras de comunicação em situações em que as crianças surdas são filhos de pais ouvintes focando nas atribuições da escola nesse contexto. Parte-se do princípio de que a surdez não é um obstáculo para a comunicação, tendo em vista que a Língua de Sinais possibilita a integração social dos surdos. Todavia, pela família, na maioria das vezes, não partilhar do mesmo território linguístico a situação comunicativa pode se tornar insuficiente incidindo em atrasos no desenvolvimento pessoal da criança surda que repercutirão no ambiente educacional. Defende-se que respeitar as especificidades de cada forma de comunicação se traduz no caminho para que não haja divergências quanto àquilo que está sendo transmitido aos alunos surdos. As barreiras na comunicação entre membros da família e sociedade se colocam como o foco deste estudo na tentativa de contribuir para esclarecimentos e possibilidades de mudanças visando uma melhor inserção social e cultural da pessoa surda. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que se construiu por meio da consulta de referências teóricas que tratam do assunto em questão. Conclui-se que a grande maioria das crianças surdas são filhos de pais ouvintes. Nesse sentido, os pais de uma criança surda são os primeiros indivíduos a apresentar a cultura e valores sociais, porém, em Libras, uma língua que até então a família não possuía domínio e familiaridade o que acaba por dificultar a aprendizagem de muitos conceitos que serão essenciais no desenvolvimento escolar dos estudantes.

Palavras-chave: Surdo. Família. Comunicação. Educação.

Abstract: This article presents a reflection on communication barriers in situations where deaf children are children of hearing parents focusing on the school's attributions in this context. It is assumed that deafness is not an obstacle to communication, given that Sign Language enables the social integration of deaf people. However, for the family, in most cases, not sharing the same language territory, the communicative situation can become insufficient, resulting in delays in the deaf child's personal development, which will have an impact on the educational environment. It is argued that respecting the specifics of each form of communication translates into a path so that there is no disagreement as to what is being transmitted to deaf students. Communication barriers between family members and society are the focus of this study in an attempt to contribute to clarifications and possibilities of change aiming at a better social and cultural insertion of the deaf person. This is a bibliographic research that was built by consulting theoretical references that deal with the subject in question. It is concluded that the vast majority of deaf children are children of hearing parents. In this sense, the parents of a deaf child are the first individuals to present the culture and social values, but in

Libras, a language that until then the family did not have mastery and familiarity which makes it difficult to learn many concepts that will be essential for students' school development.

Keywords: Deaf. Family. Communication. Education.

Introdução

A presente pesquisa emerge na situação de alunos surdos advindos de famílias ouvintes em espaços escolares comuns. Propõe-se este tema com a finalidade de ajudar os profissionais da educação e familiares no desafio de minimizar as barreiras de comunicação. Parte-se do princípio de que é por meio da comunicação que o ser humano se integra, participa, convive e se socializa. Nesse contexto, a família se destaca com grande responsabilidade, pois é nela que se inicia a formação de um ser humano e para isso acontecer, faz-se necessário o estabelecimento de um canal de linguagem comum.

A gênese desta pesquisa se deu a partir do interesse pela temática, “Atendimento Educacional Especializado para as Pessoas com Surdez/Deficiência Auditiva”, ainda, por meio da convivência pessoal com uma pessoa que tem dificuldades de ouvir e por diversas vezes se sentiu constrangida devido à situações indelicadas de algumas pessoas e até mesmo descaso, pois era necessário repetir pausadamente diversas vezes uma mesma frase para que pudesse entender. As dificuldades são enormes, o preconceito e a discriminação, também. Diante disso, as perguntas que intenta-se responder com este estudo são: como a família ouvinte contribui para o desenvolvimento de uma criança surda? Como a escola pode contribuir para o desenvolvimento de crianças surdas?

Para atingir este desígnio o estudo se pautou em objetivos, que são descritos como o objetivo geral que foi, discutir sobre as barreiras na comunicação de pessoas ouvintes com surdos em ambiente escolar, e os objetivos específicos foram: estudar a concepção de surdez em perspectiva cultural e a importância da Língua de Sinais; ressaltar a pessoa surda e a importância da Língua de Sinais para ultrapassar as barreiras de comunicação e identificar no contexto escolar a construção de possibilidades comunicativas para com o desenvolvimento do o aluno surdo.

A metodologia deste trabalho se deu por meio de revisão bibliográfica, com base em autores renomados que tratam sobre surdez, educação inclusiva e relação família/escola, como Moura (2011), Gesser (2009), Skliar (1998), Macedo (2004), Rocha (2016), dentre outros.

Acredita-se que as reflexões nesta pesquisa evidenciadas contribuem para esclarecimentos, especialmente aos familiares de surdos e professores, acerca das dificuldades de comunicação quando duas línguas de modalidades distintas (língua oral e Língua de Sinais) estão em contato. Se a família e a escola assumirem suas responsabilidades sociais o sujeito surdo poderá se desenvolver linguisticamente de forma efetiva e significativa.

1.A pessoa surda e a importância da língua de sinais

Estudar o desenvolvimento e metodologias apropriadas a pessoas surdas reporta não só a questões pedagógicas, mas também ao combate a desigualdade existente na sociedade. As pessoas surdas enfrentam inúmeros entraves para participar mais ativamente da educação escolar, o uso da Língua Mãe (Libras) é apenas uma das barreiras encontradas. A estruturação das propostas educacionais é mais um dos obstáculos que impedem o pleno desenvolvimento de um estudante surdo, isso por que, a escola não está “construída” para atender a todas as diferenças, causando assim falhas no aprendizado daqueles que não se encaixam no padrão do sistema educacional (MELLO,2018), a falta de estímulos corretos diminui o potencial cognitivo, sócio-afetivo, linguístico e político-cultural da pessoa surda, o que ocasiona perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem e de questões sociais. (SKLIAR, 1998).

Surdos são as pessoas que se identificam enquanto surdas. Surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da Libras e da Língua Portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o “trânsito” em diferentes contextos sociais e culturais. (FERREIRA, 2014). Para o surdo a Libras é considerada sua primeira língua de uso social, comunicativo e de aprendizado; já o Português é considerado a segunda língua de uso escrito. Sendo assim o indivíduo surdo que domina as duas modalidades é considerado bilíngue.

O bilinguismo visa capacitar a pessoa com surdez para a utilização de duas línguas no cotidiano escolar e na vida social: a Libras e a língua da comunidade ouvinte (português). No entanto, a língua de sinais utilizada mundialmente não é a mesma, cada país tem a sua língua de sinais usada amplamente pelas suas respectivas comunidades. Isso se dá porque essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas. Há também as “variações regionais”: a Libras, por exemplo, apresenta sinais regionais salientando, assim, o seu caráter de língua natural, sendo que essas variações

ocorrem de uma região para outra, em um mesmo país. Também há as “variações sociais” que se referem às variações na configuração das mãos e/ou no movimento, não modificando o sentido do sinal, bem como as variações de mudanças “históricas”, que ocorrem com o passar do tempo – um determinado sinal pode sofrer alterações decorrentes dos costumes da geração que o utiliza (MELLO, 2018, p. 13).

Quadros (2009) explicita que a surdez pode dificultar as interações do surdo com o meio, especialmente na falta de uma língua. Portanto, todos os esforços devem ser empreendidos a fim de encontrar possibilidades nas diferentes esferas sociais, de forma que o surdo possa ampliar o contato com o universo que o cerca e estabelecer relações e comunicação com os demais. Este estudo se ampara na perspectiva cultural da surdez. Foca-se na importância da Língua de Sinais para o desenvolvimento da pessoa surda, aspecto que será aprofundado ainda neste capítulo. Dessa forma, entende-se ser importante refletir sobre a cultura surda, já que conforme a concepção trazida pelo Decreto nº 5.626/2005, o uso da Língua de Sinais é o que possibilita a manifestação da cultura pelos indivíduos surdos.

1.1.Cultura surda

É comum a dedução de que os surdos vivem isolados e que para se integrar é preciso que se aproximem da cultura ouvinte. Ou seja: no senso comum há um esforço para aproximar o surdo do padrão de “normalidade” estabelecido socialmente. De uma forma geral, “normal é ouvir e falar”. Entretanto, o surdo não precisa ser oralizado para participar da sociedade ouvinte. Ele tem sua própria língua, o que gera alguns traços também culturais. Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros. Essa cultura apresenta características que são específicas: ela é visual, traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes (GESSER, 2009).

Em décadas passadas, já ressaltava DaMata (1986) sobre a cultura surda exprimir valores e crenças que foram transmitidas, por meio das associações. Porém, nem sempre a criança surda tem a oportunidade de contato com outras crianças surdas, já que muitas famílias buscam um “padrão ouvinte” para seus filhos. Isso acaba prejudicando o desenvolvimento do surdo.

O sociólogo e antropólogo Da Matta (1986) pontua que cultura é o que nos faz humanos, com ela nos criamos em comunidade de língua, costumes, valores, moral, nossa adaptação ecológica ao ambiente em que vivemos, enfim, ganhamos nossa identificação étnica. Conhece-se e compreende-se a cultura surda a partir da diferença, da alteridade, da identidade. O surdo produz e comunica significados de outra maneira, seja por meio de uma língua visual ou gestual. É por meio da cultura que uma comunidade se constitui, integra e identifica as pessoas. É a cultura que lhe dá o caminho de pertinência, de identidade. Nesse sentido, a existência de culturas surdas, considerando que nem todos os surdos partilharão das mesmas percepções de mundo, ajudam a construir uma identidade que perpassa aspectos sociais, econômicos, geográficos, dentre outros. Por esse motivo, falar em cultura surda significa também falar sobre identidade.

O desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social. Assim, o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro (outras pessoas do grupo cultural), que indica, delimita e atribui significados à realidade (REGO, 2014, p. 60).

Da mesma forma, Strobel (2008) afirma que a pessoa surda é um ser humano em contato com o seu espaço cultural que reage, cresce e desenvolve sua identidade. Isto significa que os cultivos que fazemos são coletivos e não isolados. A cultura não está “pronta”, ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas.

Uma das principais características da cultura surda é a Língua de Sinais. Conforme Skliar (2005, p. 22):

É bastante comum definir a comunidade surda como uma minoria linguística, baseando-se no fato de que a Língua de Sinais é utilizada por um grupo restrito de usuários, os quais, seguindo tal lógica discursiva, vivem uma situação de desvantagem social, de desigualdade e participam, limitadamente, na vida da sociedade majoritária.

Como a Língua de Sinais é o centro da concepção de surdez adotada. No item sequencial aprofunda-se as reflexões sobre sua importância para a pessoa surda.

1.2. A comunicação por meio da língua brasileira de sinais – libras

Libras é uma língua, como qualquer outra, adquirida efetiva e essencialmente no contato com seus usuários. Esse contato acontece, normalmente, com a participação nas comunidades surdas, em que a cultura surda vai pouco a pouco florescendo e, ao mesmo tempo, se diversificando em seus hábitos e costumes, que pelos contextos distantes e diferenciados, refletem regionalismos culturais. Nesse sentido, é fundamental o contato da criança surda com adultos surdos e outras crianças surdas para que haja um elo linguístico favorável à aquisição da língua, possibilitado por um ambiente de imersão em Língua de Sinais (VELOSO e MAIA, 2012).

A comunicação por Libras é processada de forma distinta da língua oral, apresentando uma estrutura gramatical própria. É muito importante para o desenvolvimento de uma criança surda o contato precoce com sua primeira língua, ou seja, nos primeiros anos de sua vida, para que ela adquira e desenvolva uma linguagem e receba estimulação para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e físico. Tanto a criança surda como a ouvinte têm capacidade de aprender a Língua de Sinais. A criança surda, mesmo que ela e sua família ainda não saibam de sua surdez, ela usará o canal visual como “ponte” para o acesso as informações do mundo (MOURA, 2011).

De forma instintiva ela passa a observar o mundo e a inferir sentido do que vê. A Língua de Sinais tem essa particularidade: ela é totalmente visual, passa sentidos e significados por uma forma que é absolutamente acessível ao surdo. E é assim configurada por ter sido criada pela comunidade surda que, no desejo humano de se tornar ser da linguagem, arquitetou a sua forma especial de comunicação que independe da audição. Alguns trabalhos científicos apontam que a primeira comunicação humana se deu por meio de uma Língua de Sinais (STOKOE, 1960), mas não é objetivo deste estudo o aprofundamento sobre a origem das formas de comunicação humanas.

Para Moura (2011), a Língua de Sinais possibilita a inserção social do surdo, a participação em seu contexto, melhores condições de expor ou expressar seus sentimentos, possibilitando uma validação política.

Apesar da importância da Língua de Sinais para o desenvolvimento da pessoa surda sabe-se que existem barreiras de comunicação no meio social, no meio em que o surdo está

inserido? Assim, importante se faz descrever sobre o contexto escolar na construção de possibilidades comunicativas aos alunos surdo, sendo este o tema que dará sequência à próxima parte desta pesquisa bibliográfica.

2.O contexto escolar e a construção de possibilidades comunicativas e educação inclusiva

O papel da educação especial é de grande importância dentro da perspectiva de atender as crescentes exigências de uma sociedade em processo de renovação e de busca incessante pela democracia, que só será alcançada quando todas as pessoas tiverem acesso à informação, ao conhecimento e aos meios necessários para a formação de sua plena cidadania. É uma conquista que exige muito estudo, trabalho e dedicação de todos os envolvidos no processo: aluno surdo e ouvinte, família, professores, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais e demais elementos da escola. Trata-se, atualmente, de uma modalidade ensino que perpassa a educação básica e ensino superior devendo dar suporte aos alunos que apresentam demandas educacionais específicas (BRASIL, 1996).

A educação inclusiva reflete as conquistas dos movimentos sociais, as pesquisas desenvolvidas pelas universidades brasileiras e as experiências das escolas. As escolas inclusivas devem ser espaços educativos de construção de personalidades humanas autônomas, críticas, nos quais as crianças aprendem a serem “cidadãos críticos e autônomos”.

Pode-se dizer que a história da educação inclusiva iniciou-se com a Declaração dos Direitos Humanos em 1948, apontando a "igualdade de direitos". No entanto, durante toda sua trajetória a educação inclusiva recebeu várias nomenclaturas diferenciadas. De forma objetiva aponta-se as diferenças entre cada uma delas.

Anteriormente ao movimento da educação inclusiva, a integração social surgiu da necessidade de inserir na sociedade o indivíduo identificado como pessoa com “necessidades especiais”. Entretanto, nem sempre a sociedade se modificava para seu acolhimento. Na realidade, quem deveria, então, estar preparada e capacitada para ser inserida no meio social era a “pessoa com necessidades especiais”. Para isto, recorriam-se aos métodos clínicos para poder ensinar esta pessoa a socializar-se de maneira “normal”, conforme a sociedade estava organizada (BRASIL, 1994).

O processo de integração escolar foi um movimento forte e decisivo nas novas conquistas da educação inclusiva, porém não satisfazia as premissas dos direitos das pessoas

com “necessidades especiais”, pois nada era modificado na sociedade, nem suas estruturas, seus métodos e, principalmente, o preconceito, pois ainda acreditava-se na permanência do método clínico de atendimento. A história segregativa no mundo e no Brasil atua como influenciadora da postura social que se tem hoje. As práticas preconceituosas da sociedade refletem esta história massacrante e limitante da pessoa com necessidades específicas diferenciadas. “A ideia de que poderiam ser ajudadas em ambientes segregados, alijadas do resto da sociedade, fortaleceu os estigmas sociais e a rejeição” (OLIVEIRA, 2012. p. 43).

Neste contexto, é importante que se faça mesmo que de forma breve, uma referência sobre integração, inclusão, exclusão e segregação, para que se ressalte a participação de cada um dessas características na educação escolar. A integração insere o aluno no contexto escolar, porém não garante a inclusão deste aluno. O aluno transita entre o sistema escolar, mas não participa como sujeito ativo em meio a uma educação para a diversidade, trata-se do especial na educação. A inclusão insere todos os alunos em salas de aula comuns. Garante o sucesso, a permanência e a afetiva participação em prol da educação o para a diversidade (PASSOS, 2009).

Considera a necessidade de todos os alunos. A exclusão acontece quando separamos os alunos com “necessidades especiais”, quando trabalhamos à parte, quando não consideramos a educação para a diversidade e limitamos a participação de todos os alunos. A exclusão pode acontecer em qualquer esfera da sociedade. E a segregação por muito tempo as pessoas com “necessidades especiais” foram segregadas. Isto acontece quando as crianças são isoladas e separadas em grupos, em instituições de atendimento especializado, não frequentam a escola comum e não interagem com diversidade (PASSOS, 2009).

Quadros (2012) discute que não é a deficiência do indivíduo que o limita a se desenvolver e sim o ambiente social que o segrega.

A deficiência, por suas características biológicas não tem o poder de definir a trajetória do desenvolvimento da pessoa, mas as condições proporcionadas pelo meio, como o status que a deficiência adquire na sociedade, podem constituir um grande obstáculo ao alcance de objetivos que são colocados ao conjunto dos membros de uma comunidade (ORRÚ, 2012, p. 118).

A escola inclusiva parte do pressuposto de que todas as crianças podem aprender a fazer parte da vida social e escolar. A diversidade é valorizada, acreditando que as diferenças possibilitam a todos os envolvidos maiores oportunidades de aprendizagem.

Quando se fala em educação igualitária para surdos busca-se observar as principais abordagens metodológicas que foram aplicadas historicamente, quais sejam: oralismo, a comunicação total e bilinguismo.

Oralismo: tem como objetivo ensinar o surdo a falar (no caso do Brasil, a Língua Portuguesa). Assim, o que se busca é que a aquisição da fala seja iniciada o mais cedo possível, utilizando-se para isto de todos os instrumentos necessários existentes, em que se inclui o aparelho auditivo. Procura-se, ainda, explorar os resíduos auditivos que o surdo possui. Para essa aquisição, é necessário um trabalho sistematizado, que deve ser feito por um fonoaudiólogo (SILVEIRA e NASCIMENTO, 2011).

A aquisição da fala é uma atividade árdua para o surdo e pressupõe um trabalho contínuo e prolongado. Apesar de ainda ser usado hoje, o oralismo teve seu auge e hegemonia em 1880 (a partir do Congresso de Milão, quando foi abolido o uso da Língua de Sinais). Permanecendo por praticamente um século como abordagem exclusiva na educação dos surdos.

Comunicação Total: surgiu na década de 1970 como uma alternativa ao oralismo. Teve por objetivo o uso de todos os meios que possam facilitar a comunicação, desde a fala sinalizada, passando por uma série de sistemas até chegar aos sinais. Muitos dos sistemas usados tinham como objetivo auxiliar a compreensão da língua falada (SILVEIRA e NASCIMENTO, 2011).

Nesta abordagem, todos os recursos são importantes e indispensáveis para promover a comunicação: fala; leitura labial; escrita; desenho; Língua de Sinais; alfabeto manual, etc. Quando foi criada teve o mérito de reconhecer a Língua de Sinais como direito da criança surda. A crítica maior a esta abordagem foi o fato de utilizar o português sinalizado. O uso simultâneo entre as duas línguas (língua falada e português sinalizado), apesar de proposto pela comunicação total, não tem respaldo teórico. Na verdade, tal conciliação nunca foi e nem poderia ser possível, devido à natureza extremamente distinta das duas línguas em questão.

No bilinguismo propõe-se que o surdo adquira a Língua de Sinais desde a mais tenra idade, assim como os ouvintes adquirem a fala. Assim sendo, as crianças surdas passam por estágios de desenvolvimento linguístico muito semelhantes às crianças ouvintes.

Para Cantarato e Batista (1998, p. 79) a consideração mais importante do conhecimento bilíngue é que “a surdez não é vista como uma incapacidade, mas como uma especificidade; não como uma deficiência, mas como uma diferença”. É neste sentido que não se fala em deficiente auditivo (o termo traz a conotação de deficiência, incapacidade), mas em pessoa surda.

Cantarato e Batista (1998) consideram que assumir a Língua de Sinais como a ‘sua’ língua é para o surdo uma questão que ultrapassa os limites linguísticos, tem muito a ver com sua própria identidade, uma vez que a língua é atividade constitutiva do sujeito. Com ela se constrói pensamentos, se cria, se informa e se formam experiências.

3. Surdos e ouvintes e as barreiras de comunicação

Neste item apresenta-se uma discussão a respeito da situação familiar de crianças surdas filhas de pais ouvintes, e também da recepção e aceitação da criança surda no meio familiar. Sobre o âmbito formador, a família é a primeira instância social da qual a criança faz parte, ela é o ponto de apoio e sustentação do ser humano.

Inicialmente espera-se dos pais um ajustamento que se faz necessário após o diagnóstico da surdez. Luterman (1979) descreve que o segundo estágio é o de reconhecimento, em que os pais reconhecem a calamidade da situação e começam a admitir a situação emocional. No entanto, pode aparecer alguma reação adversa, como os pais se sentirem oprimidos e inadequados para a tarefa de criar um filho surdo e/ou o sentimento de confusão total, por não compreenderem muitos termos e procedimentos desconhecidos em um curto período de tempo, o que pode levá-los a uma reação de pânico. Outros sentimentos podem emergir nesse estágio, como raiva, depressão, culpa e a superproteção.

Macedo (2004) explicita que após o nascimento da criança surda praticamente inexistente um aconselhamento psicológico aos pais e grande parte do que farão com as crianças baseia-se em “ensaio e erro”. Tem famílias que possuem preconceitos dos próprios filhos, não querem aprender a sua língua, sentem vergonha de sua condição, gerando traumas e revoltas. Em pesquisa realizada com professores surdos em um Centro de Capacitação, Mello (2018)

expõe os depoimentos pessoais dos participantes que declararam que a falta de conhecimento por parte de suas famílias refletiu na inserção desses professores no sistema escolar, isso por que o único aporte de ajuda desses estudantes era a família, já que naquela época não o surdo não possuía o direito ao profissional interprete em sala, sendo o estudante surdo apenas um “objeto móvel” dentro do sistema educacional. De acordo com eles, a falta de conhecimento dos sinais básicos da Libras fez com que em muitos momentos eles não conseguissem nem realizar a comunicação básica para com os professores, sendo obrigados a realizarem “mimicas” para serem compreendidos.

Rocha (2016) considera que pais aprendem pouco e mal sobre como lidar e se comunicar com uma criança surda. Então, a frustração dos pais é dirigida à escola, em busca de ajuda e apoio mediante a situação que não conseguem administrar.

Segundo Poker (2001) o ambiente em que a pessoa surda está inserida é fundamental para o oferecimento de condições para o estabelecimento de trocas simbólicas com o meio físico e social. Sem ela não ocorre a capacidade representativa e, conseqüentemente, compromete-se o desenvolvimento do pensamento. O comportamento da criança surda é talhado pelas ações e atitudes de outros e os ajustamentos da família, que tanto podem limitar como encorajar a potencialidade de seu desenvolvimento. A criança aprende sobre o mundo através de cada pessoa na família. Assim, se os integrantes na família, como um grupo, reagirem a elas de modo positivo é provável que a criança cresça com alteridade dentro de um contexto de harmonia, sentindo-se integrado a realidade.

Dando continuidade ao assunto falaremos mais sobre a importância da comunicação iniciamos esta discussão com as reflexões de Valério e Moura (2013, p. 47), que asseveram que: a dificuldade de comunicação resulta na falta de identificação da língua, podendo resultar em problemas emocionais, falta de um contato mais próximo e dificuldades para o estabelecimento dos vínculos de afeto. A falta de comunicação constitui o principal empecilho no relacionamento entre os filhos surdos e seus genitores ouvintes. Essa dificuldade de comunicação resulta na falta de identificação da língua, podendo resultar em problemas emocionais, falta de um contato mais próximo e dificuldades para o estabelecimento dos vínculos de afeto.

Sendo assim, o aprendizado da Libras pela família no caso de convivência com uma criança surda é de extrema importância. Pode-se afirmar que é até crucial para o

desenvolvimento da criança, já que “os pais são os principais associados no tocante às necessidades educativas especiais de seus filhos, e a eles deveria competir, na medida do possível, a escolha do tipo de educação que desejam seja dada a seus filhos” (UNESCO, artigo 60, p. 43).

Este mesmo documento, a Declaração de Salamanca, também explicita que:

Deverão ser estreitadas as relações de cooperação e apoio entre administradores das escolas, professores e pais, fazendo que estes últimos participem na tomada de decisões, em atividades educativas no lar e na escola e na supervisão e no apoio da aprendizagem de seus filhos (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 555).

À medida que as relações intrafamiliares vão se estabelecendo, as relações interfamiliares tornam-se mais acessíveis, facilitando a aceitação social desta criança (VALÉRIO e MOURA, 2013).

Quanto melhor a parceria entre família e escola, mais positivas e significativas serão os resultados na formação do sujeito. A vivência de famílias com filhos surdos proporciona a investigação e a busca de um novo olhar para entender como a comunicação funciona. As reações dos pais diante da surdez podem trazer à tona vários tipos de comportamentos, como citam Valério e Moura (2003, p. 47), pois muitos pais de crianças surdas não só experimentam sentimentos de culpa e vergonha, mas sentem-se culpados e envergonhados por experimentá-los, ou seja:

[...] além de se sentirem culpados, eles se sentem culpados por se sentirem culpados. Além das pressões internas com as quais a família terá que lidar com o nascimento de uma criança deficiente, esta também terá de enfrentar as pressões exercidas pelas forças sociais externas, uma vez que a sociedade tem dificuldade em conviver com as diferenças, sendo este talvez um dos principais conflitos vividos pelas famílias (VALÉRIO e MOURA, 2003, p. 56).

A vivência de famílias com filhos surdos proporciona a investigação e a busca de um novo olhar para entender como a comunicação funciona.

3.1. Filhos surdos e pais surdos

Não se pode deixar de relembrando que a maioria das crianças surdas são filhas de pais ouvintes, que muitas vezes os pais têm a dificuldade de aceitar uma cultura gestual, não permitindo o contato dessas crianças com a comunidade surda desde cedo, o que prejudica a convivência dos surdos na sociedade (QUADROS, 2009).

Ao contrário, conforme Quadros (2009, p. 42):

[...] filhos surdos de pais surdos apresentam melhores níveis acadêmicos, melhores habilidades para aprendizagem da língua oral na modalidade escrita, níveis de leitura semelhante ao do ouvinte, uma identidade equilibrada e não apresenta problemas sociais e afetivos na mesma proporção de filhos surdos de pais ouvintes. Ou seja, quanto mais prematuramente às pessoas surdas se submeterem a aquisição de uma língua, mais cedo terão condições de adquirir conhecimentos mais sólidos.

A presença de um adulto surdo na vida de uma criança surda é muito importante, pois a partir desse convívio esses sujeitos aprendem a lidar com situações do seu cotidiano, bem como, é a partir dessa presença que as crianças surdas “criam vínculos identificatórios com a cultura” (STROBEL, 2008, p. 42).

Ademais, essa interação permite que a criança surda satisfaça suas eventuais dúvidas que geralmente permeiam seus pensamentos aos quais muitas vezes não são esclarecidas, devido à dificuldade de se comunicar com pessoas que a cercam. Segundo Quadros (2009, p. 27):

[...] o preconceito ainda está muito impregnado na sociedade ouvinte e na família, mas, da mesma forma, considero importante ressaltar que o isolamento só trará consequências desfavoráveis ao sujeito surdo. Portanto, se a participação da família no processo educativo e na formação social de qualquer criança é importante, com a criança surda não se faz diferente. Isolando-a do convívio familiar por ela não falar a língua da maioria trará consequências gravíssimas ao desenvolvimento. A família deve interagir com ele, se interessar em conhecer e aprender a língua de sinais. É importante que se respeite e reconheça a singularidade do aluno surdo.

Após a explanação sobre as situações familiares de crianças surdas filhas de pais ouvintes e crianças surdas filhas de pais surdos surge a seguinte questão: quando a criança vai para a escola com problemas de comunicação e de imersão na linguagem, qual é o papel da

educação? Esse é um dos assuntos mais discutidos quando se fala sobre educação para surdos. Qual o papel da escola na formação desse indivíduo? Como formar esse aluno?

Uma coisa é certa independente das dificuldades que esse aluno traz em sua “bagagem” é papel da escola dar a plena possibilidade de desenvolvimento para esse estudante. E quando se coloca “dar possibilidade” quer dizer que a escola tem o dever de disponibilizar meios para que esse aluno aprenda. Dando acesso a metodologias que são mais adequadas para a aprendizagem, como a Pedagogia Visual por Imagens” que consiste em

[...] um novo campo de estudos com uma demanda importante da sociedade que pressiona a educação formal a modificar ou criar propostas pedagógicas pautadas na visualidade a fim de reorientar os processos de ensinar e aprender como um todo e, particularmente, daqueles que incluem os sujeitos Surdos-Mudos, essa pedagogia ..[...] pode ser compreendida como aquela que se ergue sobre os pilares da visualidade, ou seja, que tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender (CAMPELLO, 2008, p. 10 e 112).

Além das metodologias que favoreçam o visual para o estudante surdo, o conteúdo tem de ser pensado para que este aluno aprenda. O professor deve assumir a responsabilidade profissional e moral de ensinar este estudante, não deixando esse papel para o interprete, afinal, esta não é a função do interprete, e sim do professor.

Pagano, Alves e Magalhães (2000) descreveram que a atuação do tradutor/intérprete escolar, na ótica da inclusão, envolve ações que vão além da interpretação de conteúdos em sala de aula. Ele possibilita a comunicação entre professores e alunos, alunos e alunos, pais, funcionários e demais pessoas da comunidade em todo o âmbito da escola e também em seminários, palestras, fóruns, debates, reuniões e demais eventos de caráter educacional. Ainda segundo Pagano, Alves e Magalhães (2000) esses profissionais dominam a Língua de Sinais e a língua falada e escrita do país e deve ser qualificado para desempenhar a função de intérprete.

Com relação à sala de aula, os autores Pagano, Alves e Magalhães (2000) citam que deve sempre ser considerado que o espaço da sala de aula, ou da sala de recursos multifuncionais (SRM) pertence ao professor e ao aluno e que a liderança no processo de aprendizagem é exercida pelo professor, sendo o aluno de sua responsabilidade.

O intérprete de Libras e os professores devem sempre estar em constante atualização e convivência com a comunidade surda. Esta vivência transmite, transforma e informa. Robinson (2002) destaca que é absolutamente necessário entender que o tradutor e intérprete é

um mediador da comunicação e que esses papéis (do intérprete e do professor regente) são absolutamente diferentes e precisam ser devidamente distinguidos e respeitados nas escolas de nível básico e superior. Um intérprete exerce um papel valoroso na área educacional, de muita importância na vida dos surdos.

Considerações finais

Buscou-se neste trabalho apresentar questionamentos acerca da dificuldade de se estabelecer comunicação quando duas línguas diferentes (língua oral e Língua de Sinais) estão em contato. Evidenciou-se que as barreiras de comunicação muitas vezes se iniciam no âmbito familiar. O que gera lacunas no desenvolvimento da criança surda. Destacou-se a importância da escola para a promoção de possibilidades comunicativas significativas. Também se enfatizou sobre possíveis causas dessas barreiras, na maioria das vezes, estão no bloqueio ocorrido na comunicação devido ao despreparo ou desconhecimento dos pais e familiares em receber a criança surda e também por não se motivarem a buscar o conhecimento e prática da Libras.

Cabe ressaltar a importância de que não só as famílias, mas os profissionais da educação e os próprios membros da sociedade possam refletir sobre suas concepções para que mudem suas atitudes em relação à pessoa surda, para que de fato esse indivíduo possa ter o direito de ser reconhecido, incluído, entendido e respeitado em sua diferença.

A comunicação através de Libras deve sempre ser priorizada, em todos os contextos escolares. As atividades que envolvem adaptações curriculares devem ser elaboradas de forma significativa, a partir do repertório do aluno em Libras e em Língua Portuguesa. Os profissionais da educação devem estar preparados para desenvolver metodologias que favoreçam a aprendizagem e a inclusão desses estudantes no âmbito escolar. A escola em seus setores deve representar um ambiente de inclusão, isso significa que, os membros que ali trabalham devem ser qualificados e/ou orientados a dar um atendimento digno a todos os seus alunos.

Assim, o objetivo da educação para surdos na perspectiva inclusiva, é a promoção de um desenvolvimento cognitivo-linguístico do surdo, equivalente ao verificado no aluno ouvinte. Isso só será possível se a Libras, além de ser entendida como primeira língua do

aluno surdo, for valorizada na escola como um todo. Deve-se ter a percepção da necessidade de se integrarem ao mundo dessa pessoa com uma diferença linguística.

Verifica-se ao finalizar esta pesquisa que o desconhecimento acerca da pessoa surda e da Língua de Sinais ocorre comumente nas famílias, pois familiares apresentam dificuldades em compreender as implicações relacionadas à mesma.

Conclui-se que a comunicação é fator preponderante para o desenvolvimento do aluno surdo no âmbito da educação social e no desenvolvimento emocional, cultural e intelectual. Pretende-se, a partir desse estudo, aprofundar sempre mais os conhecimentos na área da educação especial, para que em um futuro próximo possa contribuir para a educação dos surdos.

Espera-se que este trabalho possa contribuir como mais uma fonte de pesquisa para aqueles que atuam na área da educação especial e sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas, dando continuidade ao tema aqui tratado.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 10 mai. 2016.

BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 20 DE JUN DE 2019.

CAMPELLO, Ana Regina de Souza. **Pedagogia visual na educação de surdos-mudos**. 2008. 169f. Tese (Doutorado de Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CONTARATO, Ana Lúcia V.; BAPTISTA, Elaine da R. **Diversidade textual no ensino de Língua Portuguesa escrita como segunda língua para surdos**. Revista Espaço. Rio de Janeiro: INES. N. 9, p. 67-70, jan./jun. 1998.

Da MATTA, R. **Explorações**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAMÁZIO. Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez**. Brasília, SEESP, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_da.pdf>. Acesso em 20 DE JUN DE 2019.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Educação Escolar de Pessoa com Surdez: uma proposta inclusiva**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005. 117 p. Tese de Doutorado.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. 1994. Disponível em :<
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. >acesso em 20 DE JUN DE 2019.

MELLO, Evelyn Bernardino. **Elaboração de Sinais de Libras para Conceitos de Biologia Celular**. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2018. Dissertação.

FERREIRA, Mirlene Macedo. **Educação Escolar de Pessoa com Surdez: uma proposta inclusiva**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2014.

FERNANDES, Sueli. **Educação de surdos**. Curitiba: Intersaberes, 2012. (Série Inclusão escolar), Tese de Doutorado.

MACEDO, Rosa Maria. **A família como ponto de vista psicológica: Lugar seguro para crescer – PUC-SP**, 2004. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa>>. Acesso em 20 DE JUN DE 2019.

MOURA, Maria Cecília. **Surdez e Linguagem**. In: GÓES, Alexandre Morand *et al.* *Língua Brasileira de Sinais – Libras: uma introdução*. São Carlos, UFSCar, 2014, p. 13-25.

OLIVEIRA, Ivanilde A. de. **Saberes, imaginários e representações na educação especial: a problemática ética da diferença e da exclusão social**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2012.

PASSOS, Arlei Ferreira. **Educação Especial: práticas de aprendizagem, convivência e inclusão**; São Paulo: Centauro, 2009.

PERLIN, Gladis T. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

POKER, Rosimar Bortolini. **Troca simbólica e desenvolvimento cognitivo em crianças surdas: uma proposta de intervenção educacional**. UNESP, 2001. 363p. Tese de Doutorado.

QUADROS, Ronice Muller de; MASSUTTI, M.; CODAS Brasileiro. **Libras e Português em zonas de contato**. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Orgs). *Estudos Surdos II*. Petrópolis. RJ. Arara Azul, 2009.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

REGO, T. C. Vygotsky: uma perspectiva histórico cultural da educação. 25. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2014.

ROCHA, Figueiredo, Adriana. **O psicólogo no acolhimento de mães de crianças especial.** UNICAMP/ SP, 2016. Disponível em: <<http://www.facef.br/novo/publicacoes>>. Acesso em 20 DE JUN DE 2019.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Educação de Surdos:** a caminho do bilíngüismo. Niterói: Eduff, 1999.

SILVEIRA, Tatiana dos Santos da. NASCIMENTO, Luciana Monteiro do. **Educação Inclusiva.** NEAD. Centro Universitário Leonardo da Vinci, 2011.

SKLIAR, Carlos. **Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças.** In: _____. *A surdez: um olhar sobre as diferenças.* Porto Alegre: Editora Mediação, 1998. p. 7-32.

SKLIAR, Carlos. **Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças.** In: _____. *A surdez: um olhar sobre as diferenças.* Porto Alegre: 9. Ed. Editora Mediação, 2005. p. 7-32.

STOKOE, W. **Sign Language Structure:** An outline of the visual communication systems of the american deaf. *Studies in Linguistics*, n. 8. University of Buffalo, 1960.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: UFSC, 2008, 2008.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educacionais especiais:** nas áreas das necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, s/1, 1994.

VALÉRIO, Nauane; MOURA, Leonice. **Convivendo com um deficiente.** Universidade Presbiteriana Mackenzie. *Caderno de Pós-graduação em Distúrbios do desenvolvimento.* São Paulo, v. 3, n. 1, p. 47-51, 2013. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Mestrado/Disturbios do Desenvolvimento/Publicacoes/volume_III/006.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Mestrado/Disturbios_do_Desenvolvimento/Publicacoes/volume_III/006.pdf)>. Acesso em 20 DE JUN DE 2019.

VELOSO, Eden; Valdeci, MAIA. **Aprenda Libras com eficiência e rapidez.** Vol. 1 e 2. Curitiba: Ed. MãoSinais, 2012.